
Estereótipos sobre a docência em conteúdos humorísticos: relações com a colonialidade

Lucenir da Silva Frazão¹

 <https://orcid.org/0000-0002-6462-722X>

Luciana Passos Sá²

 <https://orcid.org/0000-0003-0649-7938>

Resumo

O artigo discute a construção e a manutenção de estereótipos acerca da docência em conteúdos humorísticos veiculados na mídia, com foco no vídeo *Tipos de professores* do comediante Diogo Almeida, disponível na plataforma *YouTube*. Na análise utilizou-se a metodologia denominada Etnografia de Tela, que envolve observação e interpretação de conteúdos audiovisuais, tendo em vista a compreensão de fenômenos culturais e sociais. O estudo destaca o modo como determinados estereótipos carregam marcas da colonialidade perpetuando desigualdades sociais e de gênero. Os resultados apontam para a predominância de representações negativas do trabalho docente, que contribuem para a desvalorização da profissão e reforçam ideias de desigualdades e relações de poder já tão enraizadas no imaginário popular.

Palavras-chave: Estereótipos. Humor. Docência. Colonialidade.

Stereotypes about teaching in humorous content: relationships with coloniality

Abstract

The article discusses the construction and maintenance of stereotypes about teaching in humorous content portrayed in the media, focusing on the video "Types of Teachers" by comedian Diogo Almeida, available on the YouTube platform. The analysis used a methodology known as Screen Ethnography, which involves the observation and interpretation of audiovisual content to understand cultural and social phenomena. The study highlights how certain stereotypes carry markers of coloniality, perpetuating social and gender inequalities. The findings point to the predominance of negative representations of teaching work, which contribute to the devaluation of the profession and reinforce notions of inequality and power relations that are deeply ingrained in popular imagination.

Keywords: Stereotypes. Humor. Teaching. Coloniality.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, Manaus: lucenir.fraza@educacao.am.gov.br.

² Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: lucianapsa@gmail.com.

Introdução

“Rir é o melhor remédio” é uma máxima normalmente usada quando se pretende defender a importância do humor no cotidiano e no enfrentamento de situações diversas e adversas. Apesar de parecer conversa de livro de autoajuda, o conhecido jargão tem ganhado respaldo científico, e inúmeras pesquisas vêm apontando para os benefícios do riso no fortalecimento do sistema imunológico, assim como na saúde física e mental das pessoas bem-humoradas (Berk; Felten; Tan; Bittman; Westengard, 2001; Cha; Hong, 2015; Tagalidou; Loderer; Distlberger; Laireiter, 2018; Videira; Martins, 2023).

Embora as pesquisas apontem diversos benefícios em relação ao riso e ao humor, é importante problematizar o modo como se dá a formulação das ações e dos discursos intencionalmente pensados para gerar o riso, a gargalhada e a alegria do espectador ou da espectadora. Segundo Silva (2016) alguns modelos de crenças, valores e preconceitos estão presentes nas ações humorísticas e alguns alvos são mais facilmente destacados nessas situações: pessoas pobres, homossexuais, gagas, gordas ou com deficiência; a loira; o bêbado; e estrangeiros. Para a autora, “constrói-se um modelo de generalização superficial sobre uma crença, uma ideia fixa” (Silva, 2016, p. 57) e assume-se uma imagem de que determinado grupo é ruim, por exemplo: italianos são grosseiros; alemães, prepotentes; turcos, espertalhões; toda loira é burra, entre tantos outros. Nessas situações as pessoas deixam de avaliar a raiz do preconceito para dar lugar ao riso, ao entretenimento. Para Bobbio (2012) trata-se de uma doutrina acolhida irracionalmente pela tradição, com preconceitos que surgem de opiniões errôneas tomadas como verdadeiras.

Dessa maneira surgem os estereótipos, que resultam de crenças compartilhadas e da intencionalidade coletiva em segregar um determinado grupo (Silva, 2016). De acordo com Bernardes (2003) o estereótipo é armazenado na memória do indivíduo e pode influenciar percepções e comportamentos subsequentes em relação a determinado grupo e seus respectivos membros.

Este estudo centra-se na análise de alguns estereótipos frequentemente atribuídos a docentes, com ênfase naqueles(as) que atuam na educação básica e enfrentam diariamente os desafios impostos nesse cenário. Tais estereótipos são amplamente disseminados por diversos meios, como a televisão, a internet e outras plataformas audiovisuais.

Muitos desses estereótipos carregam marcas da “colonialidade”, termo que, segundo Maldonado-Torres (2020), está voltado a uma lógica global de desumanização e subalternização operada pelos colonizadores – homens brancos europeus – em tempos remotos contra todas as pessoas com características fenotípicas diferentes das suas, tais como os povos originários do continente americano, os povos africanos, entre outros.

Maldonado-Torres (2020) salienta ainda que na atualidade as influências da colonialidade são evidentes em muitos aspectos sociais: na economia, na política, nas relações de trabalho, na religião, na educação, nas questões relativas a gênero e sexualidade, nos imaginários e aspirações, entre tantos outros aspectos que moldam as formas de viver das pessoas. Isso ocorre porque, embora o colonialismo como movimento de dominação para o estabelecimento de colônias (Quijano, 2005) tenha sido extinto, o seu modo de operar continua vivo nas relações sociais, porém com outras configurações. Trata-se de um conjunto de discursos, práticas e ações direcionados à subalternização dos povos colonizados e à consequente manutenção da supremacia colonizadora – lógica denominada de colonialidade. Por meio desta se mantêm vivas culturas, saberes, comportamentos, crenças, formas de relação de trabalho, entre outros aspectos herdados do período da colonização.

Desse modo, tudo o que se configura diferente da suposta e imposta superioridade da cultura do homem branco europeu tem sido historicamente alvo de preconceito, ridicularização e estereotipagem. São noções que se perpetuam ao longo dos anos, fortemente reforçadas por ações e omissões nos diversos âmbitos da sociedade, como a família, a escola, as instituições e a mídia – esta última muito influente na criação de valores, crenças, aspirações e na produção de estereótipos.

Nessa perspectiva, por meio de uma estratégia de análise qualitativa de conteúdo audiovisual denominada Etnografia de Tela (Balestrin; Soares, 2012; Rial, 2004), neste trabalho propomos reflexões acerca da possível influência de um conteúdo humorístico, veiculado na mídia, sobre a produção de estereótipos envolvendo a profissão docente. Entendemos que determinados conteúdos humorísticos contribuem para a marginalização de distintos segmentos sociais, muitas vezes representados por meio de figuras caricatas e jocosas e de sátiras envolvendo regionalismos, corpos, linguagens, costumes e outros aspectos de cunho cultural. Um exemplo dessa afirmação é o estudo desenvolvido por Philippsen e Farias (2016), que discute o modo como o programa humorístico *Zorra Total*, produzido e transmitido até 2015 pela

emissora de televisão Rede Globo, promoveu e disseminou preconceitos e estigmas, tais como o preconceito linguístico e social, representado pelo excesso de estereotipização em relação à população negra e nordestina.

Todas essas noções estereotipadas que constituem o imaginário das pessoas e que são disseminadas cotidianamente na educação informal – aquela que ocorre nos mais diversos ambientes (família, amigos, clube, mídia etc.) – acompanham o indivíduo também na educação formal, aquela que ocorre em ambientes escolares e universitários institucionalizados. São noções internalizadas, subjetivas e que podem ser reforçadas em instituições que ainda reproduzem graus profundos de colonialidade: colonialidade do saber, do poder e do ser.

A colonialidade do *saber* opera por meio do currículo pensado e reproduzido a partir de perspectivas eurocêntricas, segundo as quais pessoas brancas criaram todas as formas de conhecimento. A colonialidade do *poder* se dá quando as escolas reproduzem em sua microesfera o racismo estrutural presente na macroestrutura, ou seja, as pessoas que ocupam os espaços de poder nas escolas – gestores(as), professores(as), coordenadores(as), psicólogos(as) – têm o mesmo fenótipo daquelas que ocupam espaços de poder na sociedade como um todo. Já a colonialidade do *ser* aparece no fato de que em muitas escolas privadas, por exemplo, há poucas crianças negras e as poucas existentes não se veem representadas na estética da escola – nas fotos coladas nos murais, no *outdoor* da escola, nas literaturas infantis e nos livros didáticos (Pinheiro, 2023).

Representações sobre a docência em conteúdos humorísticos

As representações sociais são produto de uma sequência de elaborações e mudanças que ocorrem no decorrer do tempo e resultado de experiências vivenciadas por sucessivas gerações (Moscovici, 1978). Essas representações se relacionam e estão intimamente ligadas aos estereótipos, pois ambos – representações e estereótipos – derivam de construções sociais que carregam ideias preconcebidas sobre determinados grupos. A respeito dos estereótipos produzidos a partir de conteúdos humorísticos, Pavan (2020, p. 762) esclarece que

[...] os estereótipos de contextos mais globalizados ocupam seu espaço no humor midiático nacional, em personagens que exploram características bem

conhecidas do universo popular-massivo, como a mentira, a vaidade, a ingenuidade, a avareza, a hipocrisia, o mau humor, a imoralidade, entre tantas outras que circulam no imaginário social brasileiro. Essas particularidades são reelaboradas simbolicamente em caricaturas, paródias, dramatizações, imitações, charadas, zombarias e mitificações referenciais que se hibridizam nos programas humorísticos com elementos culturais locais, nacionais e globais.

Segundo Carossi e Silveira (2004) o humor tem uma componente cultural de grande importância, e isso explica a nossa dificuldade em rir ou, mesmo, compreender piadas oriundas de outras culturas. As autoras explicam que daí emergem as adaptações das traduções realizadas em anedotas – que são ressignificadas dentro de um novo contexto – e “que para entendermos e rirmos das piadas, precisamos entender as situações e os cenários nelas apresentados, pois, uma vez que o humor trabalha com a quebra de expectativas, é necessário que as partilhemos” (Carossi; Silveira, 2004, p. 241).

Por exemplo, dificilmente alguém que nunca viveu no Brasil entenderia os bordões usados por cada personagem da série televisiva *Escolinha do Professor Raimundo*, tais como: “E o salário, ó!”, “Há controvérsias!”, “Chamou, chamou?”, “Só pensa naquilo...”, entre outros. De maneira geral, trata-se de uma série que busca reproduzir de forma cômica o dia a dia de um professor na sua sala de aula. Desse modo, a série tem como figura principal o Professor Raimundo Nonato – senhor idoso, experiente e frustrado com seu baixo salário – e seus estudantes, representados por particularidades que orientam as falas, os gestos e a caracterização dos(as) personagens: o *gay*, o *puxa-saco*, o *nerd*, o *nordestino*, a *caipira*, a estudante sensual e pouco inteligente, entre outros. Conteúdos humorísticos como os apresentados nesse programa contribuem inevitavelmente para a criação de inúmeros estereótipos que permeiam o imaginário das pessoas, entre eles aqueles ligados à figura do professor ou da professora.

Nesse sentido, estudos apontam que são incontáveis os estereótipos ligados à profissão docente. Ataíde e Nunes (2016) argumentam, por exemplo, que a atividade docente no âmbito da Educação Infantil e do Ensino Fundamental está associada cultural e socialmente ao gênero feminino – e a figura feminina é subalternizada e comumente reduzida ao cuidado maternal. Nessa concepção, a escola é representada culturalmente como a extensão do lar, e a figura da professora confunde-se com a de mãe e/ou tia, unicamente responsável pelos cuidados e pela educação das crianças.

Nessa direção, no estudo desenvolvido por Carossi e Silveira (2004) – que analisaram um conjunto de piadas retiradas de coletâneas impressas, *sites*, revista de atualidades e jornal – foram identificadas quatro tendências predominantes nessas situações humorísticas: a) professores(as) como guardiões e guardiãs do conhecimento e das regras escolares, sujeitos(as) à zombaria de estudantes, apresentados(as) como mais espertos(as); b) professores(as) como incessantes perguntadores(as)-avaliadores(as); c) professores(as) como *experts* em suas respectivas áreas de conhecimento, diferenciados(as) das pessoas comuns; e d) professores(as) como interlocutores para piadas de fundo sexual. Ainda, segundo as autoras,

[...] atores ou atrizes centrais dos cenários educativos, professores e professoras têm sido personagens relevantes nas vivências dos educandos no mundo contemporâneo, onde a escolarização se universalizou. O sujeito “docente” povoa histórias infantis (ex.: “A professora maluquinha”, de Ziraldo), anúncios publicitários, filmes dos mais diversos gêneros (ex.: “Sociedade dos poetas mortos”), programas e novelas da televisão (ex.: “Malhação”, da Rede Globo), histórias em quadrinhos, charges, anedotas, piadas... e tantas piadas! Encontramos nesse universo a professora maternal, a mal-humorada, a exigente, a boazinha, a dedicada, a mal-amada, a “gostosa”; encontramos também o professor maluco, o esquecido, o sedutor, o gênio, o atrapalhado, entre outras atribuições para ambos os personagens (Carossi e Silveira, 2004, p. 241).

Representações como as citadas anteriormente ainda são constantemente partilhadas e compartilhadas em plataformas de audiovisuais, como o *Youtube*, e redes sociais como *Instagram* e *TikTok*; e estão no cerne de muitos conteúdos de cunho humorístico exibidos nos distintos ambientes midiáticos da atualidade. No artigo intitulado “Um meme vale mais que mil palavras: representações sociais configuradas sobre a docência e o professor na internet”, por exemplo, Lima, Silva e Ciríaco (2020) discutem sobre o modo como os famosos *memes* e suas representações sobre o *ser professor* ou *ser professora* influenciam o imaginário da população acerca do ofício docente. Segundo os autores e a autora, aparentemente de modo irônico, as imagens que interagem com o(a) leitor(a), de modo visual, enunciam pensamentos acerca dos processos vivenciados pelo(a) professor(a) no seu campo de trabalho, representando uma nova forma de comunicação no âmbito da internet.

Neste artigo, em específico, propomos reflexões sobre um vídeo humorístico disponível na plataforma *YouTube*, no canal do comediante Diogo Almeida, cujo conteúdo se dá a partir das

situações vivenciadas pelos(as) profissionais da área da docência. O propósito aqui é promover reflexões críticas acerca das representações *do ser professora e/ou professor* da educação básica, evidenciadas em um conteúdo humorístico de grande alcance nas mídias sociais.

Procedimentos metodológicos

O vídeo que motivou a realização desta pesquisa, intitulado *Tipos de professores* (Tipos [...], 2018), está disponível no canal do humorista Diogo Almeida na plataforma *YouTube*, que leva o seu próprio nome. Dentre as motivações para a realização da análise desse vídeo se destaca o seu título – *Tipos de professores* –, que por si só já sugere a existência de caracterizações e estereótipos em torno da docência como forma de provocar o riso, uma vez que se trata de um programa humorístico. Na condição de profissionais da docência, julgamos importante e necessário compreender as representações sociais possivelmente veiculadas a partir desses conteúdos disponibilizados na internet, buscando entender em que medida eles podem estar engendrados com a colonialidade, contribuindo para a formação de imaginários acerca do que é ser professor(a).

Esta pesquisa situa-se no âmbito da área da Educação e configura-se como um trabalho de natureza qualitativa, com uso da metodologia de análise denominada Etnografia de Tela. Trata-se de uma estratégia discursiva usada para a “leitura de filmes ou mesmo de outras imagens, como de programas televisivos” (Balestrin; Soares, 2012, p. 90), bem como do vasto acervo audiovisual de acesso aberto ao público, disponível nas redes sociais e em plataformas de vídeos como a popular *YouTube*.

A Etnografia de Tela, como metodologia de análise, segue uma série de etapas estruturadas, tendo em vista uma abordagem profunda e reflexiva sobre o conteúdo audiovisual que se deseja examinar. A primeira etapa refere-se à escolha do audiovisual e à definição do objetivo da pesquisa, considerando a sua relevância cultural ou social, sempre se mantendo fiel ao foco do estudo, de modo a assegurar uma análise significativa. Após a escolha do vídeo, a etapa de visualização imersiva envolve assisti-lo repetidas vezes, com o intuito de observar detalhes que passem despercebidos em uma observação superficial. Desse modo, a cada nova visualização o(a) pesquisador(a) pode se atentar a diferentes aspectos do audiovisual, como diálogos, gestos, cenários, transições e trilha sonora, anotando tudo que

possa ser relevante para a compreensão do conteúdo em um nível mais profundo. Após essa imersão inicial, a contextualização e a pesquisa complementar são necessárias para compreender o contexto de produção do vídeo, o público-alvo e as reações que ele suscita. Essa etapa pode envolver leitura de críticas, análise de comentários, entrevistas com os criadores e comparações com outras obras similares e é fundamental para entender as influências externas que moldaram a produção do vídeo e o modo como ele foi recebido pela sociedade. Por fim, a análise detalhada do vídeo constitui a etapa seguinte, na qual o conteúdo, em partes menores, é submetido ao exame minucioso de elementos como narrativa, estética, simbolismo, relações de poder, permitindo ao(a) pesquisador(a) identificar padrões e significados (Balestrin; Soares, 2012; Rial, 2004).

Na medida do possível as etapas mencionadas anteriormente foram consideradas nesta pesquisa. Assim, inicialmente foi definido o vídeo – *Tipos de professores* (Tipo [...], 2018) – e o objetivo da investigação, que consistiu em analisar o conteúdo a partir de uma perspectiva crítica decolonial, buscando identificar traços de colonialidade nos discursos proferidos. Para tanto, o vídeo analisado foi assistido na íntegra diversas vezes, configurando-se como campo de pesquisa onde pesquisador e pesquisadora estiveram imersos por longos períodos. Essa visualização, sistemática e variada, foi realizada de diferentes modos: sem interrupção e com pausas para anotações em caderno de campo – principalmente das situações potencialmente interessantes para análise, descrição e escolha das cenas (Balestrin; Soares, 2012).

Sobre a análise das cenas, buscamos suporte nas ideias de Balestrin e Soares (2012) para pensar as estratégias que seriam empregadas ao adotarmos a Etnografia de Tela. Segundo as autoras,

[...] uma das estratégias apontadas para esse tipo de pesquisa é o estranhamento do etnógrafo perante o que lhe é familiar. Nesse sentido, é preciso estranhar-se diante daquilo que parece corriqueiro, comum, natural e, ao mesmo tempo, familiarizar-se com o estranho, com o que parece não se encaixar nos nossos modos de conhecer, de pensar, de viver. Tomamos essa estratégia como um desafio na “etnografia de tela” (Balestrin; Soares, 2012, p. 93).

Assim, a partir da análise cuidadosa do vídeo em questão, buscamos refletir sobre representações sociais (estereótipos) acerca do ser professor(a), possivelmente veiculadas por meio de conteúdos humorísticos, como aqueles produzidos por Diogo Almeida. Na etapa de

análise, consideramos as colocações de Rial (2004, p. 30), quando argumenta que a análise do discurso “[...] é utilizada nas etnografias de tela, mas estas, partindo do método etnográfico, buscam ir além do texto e ao encontro do contexto, das redes complexas em que estes textos se inserem e das quais emergem”.

De acordo com a literatura, os conteúdos humorísticos, intencionalmente – ou não –, desvelam profundas desigualdades sociais (Lima; Silva; Ciríaco, 2020; Philippsen; Farias, 2016), com fortes traços de colonialidade, aqui entendida como uma matriz de poder que subalterniza e inferioriza pessoas em decorrência das suas formas de ser, viver e existir, o que inclui, por exemplo, questões de gênero e etnia, entre outras manifestações preconceituosas (Maldonado-Torres, 2020; Quijano, 2005).

Os discursos presentes nos conteúdos humorísticos fazem determinadas “realidades existirem, persistirem e, por vezes, modificarem-se” (Balestrin; Soares, 2012, p. 90) e/ou naturalizarem e perpetuarem preconceitos e opressões cristalizadas na sociedade. Nossa intenção, com este estudo, é refletir criticamente sobre a raiz desses discursos que, ainda que não intencionalmente, podem influenciar imaginários e contribuir para a adoção de práticas e discursos estereotipados e preconceituosos acerca da profissão docente.

Análise do conteúdo humorístico de Diogo Almeida: vídeo *Tipos de professores*

O conteúdo que circula por intermédio dos vídeos do humorista Diogo Almeida aborda o cotidiano de professores(as) da educação básica. As *performances* partem de situações nas quais ele próprio se caracteriza explorando elementos como linguagem, vestuário, gestos, atitudes e comportamentos que aludem a profissionais da docência.

Na tela inicial do seu canal³ é possível visualizar o referido humorista caracterizado de duas formas distintas: a professora sorridente e o professor assustado e/ou preocupado, supostamente com alguma situação vivenciada na sala de aula.

Conforme verificamos na Tabela 1, o comediante cativa um grande público e seus vídeos acumulam mais de 87 milhões de visualizações⁴ desde a criação do canal no ano de 2015. Na

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/@DiogoAlmeidaOficial/about> Acesso em: 21 abr. 2024.

⁴ Dados obtidos em 21 de abril de 2024.

Tabela 1 também constatamos o quantitativo de visualizações, curtidas e comentários gerados a partir do vídeo *Tipos de professores*, analisado neste estudo.

Tabela 1 – Dados do canal de Diogo Almeida na plataforma *YouTube*

Descrição	Números
Inscritos no canal	709.000
Vídeos postados	694
Total de visualizações nos vídeos do canal	87.814.133
Visualizações do vídeo <i>Tipos de professores</i>	909.078
Curtidas para o vídeo <i>Tipos de professores</i>	49.000
Comentários para o vídeo <i>Tipos de professores</i>	901

Fonte: elaborado pelos autores em 2024 a partir de dados disponíveis no canal de Diogo Almeida.

De modo geral, o conteúdo presente nos vídeos de Diogo Almeida aborda e banaliza situações adversas comumente vivenciadas no âmbito da docência, como a desvalorização da profissão, a saúde física e mental fragilizada de professores(as) e outros desafios diários enfrentados por docentes no chão da escola. São situações naturalizadas e que, inegavelmente, promovem o riso, inclusive de professores(as), que compreendem tão bem as situações retratadas nessas cenas. São conteúdos aparentemente inofensivos, mas carregados de significados e mensagens capazes de influenciar o imaginário das pessoas sobre o que significa ser professor(a) no Brasil. Concordamos com Travaglia (1989, p. 61) quando diz que o “estereótipo no humor é sempre usado com uma dimensão social negativa, pois o riso advém da desvalorização social, do estigma que faz do estereótipo algo ridículo”.

A seguir são descritos os sete tipos de professores(as), de acordo com o vídeo humorístico analisado. Buscamos evidenciar, em cada um desses tipos, visões estereotipadas e traços de colonialidade presentes nas cenas analisadas.

A professora engajada

Ao retratar a *professora engajada*, o humorista caracteriza-se como uma mulher de cabelos castanhos curtos, usando óculos e uma camisa lilás que traz a imagem de Che Guevara, personagem icônico da Revolução Cubana, símbolo de rebeldia e insígnia global na cultura popular. Na cena analisada a personagem apresenta uma fala provocativa e que mostra a postura de uma professora engajada e militante na luta contra um suposto sistema opressor:

Preste atenção aqui! Nós, eu, você, nós precisamos reunir o maior número de pessoas para lutar contra esse sistema que nos oprime, nós somos protagonistas, eu estou aqui para ajudar vocês a ser um ser pensante! Nós não podemos ficar de braços cruzados vendo esse abandono do sistema público, entendeu? (Tipos [...], 2018).

Na lousa evidenciam-se várias expressões, algumas delas com destaque em caixa-alta, como: “Resistência!”, “Força!”, “Negociação!”, “Sempre Juntos!” e “Vamos à luta!”. Além disso, há a seguinte pergunta no canto superior direito do quadro: “quem se importa com os professores?” (Tipos [...], 2018).

Ainda que o discurso da personagem seja proferido com a intenção de suscitar nos(as) estudantes o desenvolvimento do espírito crítico diante de um sistema visto como opressor, percebemos em vários elementos presentes na cena – falas, gestos, vestimenta, cenário – um viés político que associa a figura docente à revolução, à militância e até à “doutrinação”, termo bastante utilizado neste quadro de polarização política que se intensificou nos últimos anos no Brasil.

Santos e Farias (2022) também apontam nessa direção, ao analisar postagens veiculadas na mídia em que os(as) ditos(as) *docentes militantes* são retratados(as) como figuras ameaçadoras que sequestram intelectualmente estudantes por meio da doutrinação. A autora e o autor também relembram que “a educação, ao longo da história, sempre foi alvo de acusações e ataques, por não cumprir ou por transgredir certos papéis a ela atribuídos de adequação a interesses específicos da família, do Estado, da religião ou do mercado” (Santos; Farias, 2022, p. 6); e complementam ainda que

[...] esse potencial, obviamente, ameaça e atemoriza aqueles que se beneficiam das formas desiguais e hierarquizadas de sociabilidade, o que leva às constantes tentativas de domesticar, controlar ou anular os movimentos dos sujeitos na sociedade e na história pela educação, a fim de garantir a reprodução de um imaginário de naturalidade e estabilidade do mundo.

Entendemos que a cena em questão reforça e estimula a formação de estereótipos acerca da profissão docente, nesse caso específico, o estereótipo do *professor doutrinador*, já tão enraizado no imaginário de parte da sociedade.

A professora por vocação

A personagem em questão, aparentemente, representa uma professora de história, que no contexto do vídeo está ministrando uma aula sobre a chegada dos portugueses ao Brasil. Inicialmente ela se mostra gentil e calma, porém a agitação dos(as) estudantes vai alterando o seu humor no decorrer da aula. Ela prossegue pedindo compostura e atenção, tenta se controlar, mas continua gritando. Toda a situação estressante vivenciada por essa professora culmina em um desmaio. Nesse trecho do vídeo, o humorista caracteriza-se como uma professora de cabelos pretos até a altura do tronco, jaleco branco, pincel na mão, aparência de cansada (Tipos [...], 2018).

A cena apresenta, de um lado, uma professora exausta, descontrolada, perdida, aos gritos, desmaiada e, do outro, estudantes indisciplinados(as), sem interesse pela aula ou respeito pela professora. Esse é o tipo denominado *professora por vocação*, ideia que é corroborada pela figura em formato de coração que aparece no canto inferior esquerdo da tela. A cena, de modo geral, mostra a sala de aula como um ambiente caótico e a professora como uma profissional infeliz, que ali está por conta de uma suposta vocação, comumente associada à figura feminina. Sobre esse ponto, Bruschini e Amado (1988, p. 7) explicam que,

[...] historicamente, o conceito de vocação foi aceito e expresso pelos próprios educadores e educadoras, que argumentavam que, como a escolha da carreira devia ser adequada à natureza feminina, atividades requerendo sentimento, dedicação, minúcia e paciência deveriam ser preferidas. Ligado à ideia de que as pessoas têm aptidões e tendências inatas para certas ocupações, o conceito de vocação foi um dos mecanismos mais eficientes para induzir as mulheres a escolher as profissões menos valorizadas socialmente. Influenciadas por essa ideologia, as mulheres desejam e escolhem essas ocupações, acreditando que o fazem por vocação; não é uma escolha em que se avaliam as possibilidades concretas de sucesso pessoal e profissional na carreira.

O estereótipo da professora por vocação, retratado na cena, é associado ainda a uma ideia de fragilidade e dificuldade de domínio das emoções pela docente. Histórica e culturalmente, esse foi um pensamento construído e que evidencia relações de poder que inferiorizam o feminino (Inocêncio; Carvalho; Pereira, 2016). É difícil imaginar essa mesma cena sendo protagonizada por uma figura masculina, pois cultural e socialmente ao masculino são

atribuídas características que enaltecem a sua força, racionalidade, objetividade, assertividade, entre outras características.

A cena também retrata aspectos da saúde física e mental de muitos(as) docentes da educação básica. Dados apresentados no livro *Seminários - Trabalho e saúde dos professores: precarização, adoecimento e caminhos para a mudança*, organizado por Lima, Reimberg, Silva e Lorenzi (2023), apontam que – seja na rede pública, seja na rede privada – professores(as) enfrentam um conjunto semelhante de problemas relacionados à sua saúde física e mental. Nesse cenário, distúrbios mentais como a Síndrome de Burnout, estresse e depressão têm sido cada vez mais evidenciados. Distúrbios na voz e lesões osteomusculares – em músculos, tendões ou articulações – também têm provocado o afastamento desses profissionais da sala de aula. Não cabe aqui discutir e apresentar os inúmeros fatores que contribuem para o estabelecimento desse quadro de adoecimento na classe docente, mas questionar o quanto determinados conteúdos humorísticos podem reforçar estereótipos que ridicularizam professores e professoras, ao banalizar aspectos da sua saúde emocional e física.

Além disso, essa representação do(a) professor(a) sempre estressado(a), cansado(a) e desmotivado(a) reforça estereótipos em relação à profissão e gera expectativas negativas em uma juventude que já não almeja seguir a carreira docente. Em pesquisa recente, Paniago (2023) aponta que a falta de reconhecimento social e profissional de docentes da educação básica no Brasil afeta uma diversidade de jovens que concluem o Ensino Médio, os(as) quais tendem a não seguir a carreira.

A professora tia

A cena é protagonizada por uma mulher aparentemente tranquila, com cabelos loiros e curtos e usando roupas longas e coloridas. Está sempre pronta para atender as crianças em qualquer tipo de situação e é constantemente sorridente, carinhosa e amável. Para se comunicar, a personagem usa uma linguagem muito similar à infantil. Há uma música infantil de fundo, e na lousa há vários desenhos que remetem à infância: flores, corações, estrelinhas, um jogo de amarelinha e uma frase: “Bom dia!!! Amo vocês!” (Tipos [...], 2018).

A cena, aparentemente, se passa na Educação Infantil, pois a professora o tempo todo é colocada em situações em que precisa limpar o bumbum ou o vômito de alguma criança ou evitar

que alguma delas coloque o dedo na tomada. A personagem ainda fala que adora quando precisa limpar vômitos.

A representação da *professora tia* retratada na cena é mais um tipo que naturaliza estereótipos em que a figura feminina é vocacionada para a maternidade e para o cuidado com as crianças. Nesse âmbito, a figura da professora associa-se ao cuidado maternal; e a escola é vista como a extensão do seu lar (Ataíde; Nunes, 2016).

A cena como um todo reduz o trabalho docente na Educação Infantil aos cuidados com a limpeza do ambiente e à higiene e segurança das crianças. Nem o cenário, nem as falas, nem a postura da professora remetem a funções como educar e alfabetizar. Nesse sentido, Kuhlmann Júnior (2007) esclarece que o trabalho na Educação Infantil na nossa sociedade é permeado por estereótipos, entre eles o que entende a profissão como naturalmente feminina e que não necessita de conhecimentos específicos, uma vez que a mulher, presumivelmente, é possuidora das habilidades necessárias para exercer esse tipo de função. Nessa esteira, é essencial lembrar Freire (1997, p. 9), quando explica que,

[...] na tentativa de compreensão crítica do enunciado - professora, sim; tia, não -, se não é opor a professora à tia não é também identificá-las ou reduzir a professora à condição de tia. A professora pode ter sobrinhos e por isso é tia da mesma forma que qualquer tia pode ensinar, pode ser professora, por isso, trabalhar com alunos. Isto não significa, porém, que a tarefa de ensinar transforme a professora em tia de seus alunos da mesma forma como uma tia qualquer não se converte em professora de seus sobrinhos só por ser tia deles. Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento, enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão, enquanto não se é tia por profissão. Se pode ser tio ou tia geograficamente ou afetivamente distante dos sobrinhos, mas não se pode ser autenticamente professora, mesmo num trabalho a longa distância, “longe” dos alunos.

Para Silva (2021, p. 553) o rótulo de “tia” não revela apenas uma perspectiva distorcida da tarefa profissional docente, “mas também um pensamento ideológico de alguns setores sociais, os quais guardam, de maneira velada, interesses de manutenção da ordem social vigente”. Diante disso, estereótipos que associam educadoras do Ensino Infantil à função de tia e cuidadora devem ser questionados e problematizados por reforçarem concepções que contribuem para a falta de reconhecimento e valorização do trabalho desempenhado por profissionais que atuam nessa etapa de ensino. Nesse cenário a mensagem transmitida é de que

qualquer pessoa – sem qualquer tipo de formação acadêmica – é capaz de desempenhar aquele trabalho *maternal*. São ideias que colaboram para o desprestígio profissional e social daqueles(as) que se preparam e se dedicam à função de educar.

A professora do contra

Nessa cena o humorista se caracteriza como a *professora do contra*, uma mulher adulta de cabelos pretos e ondulados, usando óculos e, aparentemente, desleixada com a aparência. Nesse trecho do vídeo é possível observar uma série de informações escritas na lousa, que se relacionam ao tipo “professor do contra”: a *hashtag* “#nadavaidarcerto”; símbolos que denotam mau humor; posicionamento contrário sobre a ida a passeios e realização de festa junina; e a frase “não concordo!!!” escrita em caixa-alta. As falas da personagem estão em sintonia com o cenário. Ela inicia a cena falando “Odeio quem fica animado, tem motivo?”. E, nesse clima de mau humor, prossegue enumerando diversas situações que ocorrem no dia a dia da escola – os passeios da escola, o tradicional amigo secreto, a sala dos professores, as festas escolares –, sempre deixando explícito que não vai participar das atividades planejadas pela escola e que não concorda com elas (Tipos [...], 2018).

Esse tipo de professora protagonizado pelo humorista também reforça estereótipos já discutidos anteriormente, como a professora estressada, desmotivada e notoriamente infeliz com a profissão. É mais uma personagem que representa uma professora – uma mulher – em situação de descontrole, com falas e expressões não cabíveis em um ambiente de sala de aula, como: “se eu tenho uma bala de borracha eu dou na cabeça dela...” ou “tem uns aqui que se morrer pra mim é até melhor”.

A cena analisada retrata a postura de uma docente desmotivada e cansada, condição em que se encontram, muitas vezes, professores(as) submetidos(as) a más condições de trabalho, classes numerosas, indisciplina dos(as) estudantes, excesso de burocracias, pouca valorização, entre outros desafios vivenciados no ambiente escolar (Paniago, 2023). No entanto, essa postura e linguagem inadequada associada ao comportamento de uma professora reforça estereótipos em relação à profissão docente, já tão desvalorizada se comparada a outras profissões vistas como de maior prestígio social.

A professora atrasada

A cena que apresenta a *professora atrasada* é bem curta e ocorre em um cenário de reunião de pais, mães e/ou responsáveis por estudantes de determinada escola. Trata-se de uma mulher aparentemente jovem e descontraída, com vestido decotado de cor azul e bolinhas brancas, cabelos curtos e loiros, laço na cabeça, uma enorme bolsa no braço e livros em uma das mãos. Ao chegar à reunião, a professora pede desculpas pelo atraso e explica que este foi proposital, para que os(as) responsáveis pudessem sentir o mesmo que ela sente com o atraso dos(as) estudantes no dia a dia das aulas. Na lousa algumas informações fazem referência à questão do tempo, como a frase “faltam 5 minutos para daqui a pouco”, duas ampulhetas e *emojis* que remetem à sensação de sono (Tipos [...], 2018).

A cena retrata uma postura de descaso por parte da professora, que apresenta uma justificativa irônica para explicar o seu atraso – e nada além disso. Nada na cena remete a situações vivenciadas por professores(as), que se desdobram para trabalhar em duas ou três escolas, que conciliam essas jornadas duplas ou triplas com trabalhos domésticos e cuidados com filhos – especialmente as mulheres –, razões que justificariam atrasos como esse retratado na cena. Esse é mais um exemplo que associa comportamentos inadequados à figura docente feminina, reforçando estereótipos que contribuem para esse quadro de desvalorização da profissão.

A professora vendedora

A *professora vendedora* retratada na cena adentra a sala de aula com uma bolsa enorme no braço, na qual leva diversos produtos que estão à venda. Ela tem cabelos curtos e usa muitos adereços chamativos, como pulseiras, cordões e colares. Muito carismática, aproveita o ambiente de trabalho para realizar vendas a fim de “complementar a renda”. Seus produtos são diversos, desde artigos para beleza, suplementos alimentares, bijuterias até utensílios domésticos (Tipos [...], 2018).

Em vez de conteúdos escolares, na lousa aparecem informações relacionadas à venda dos seus produtos, como: “Bom aluno não paga, mas também não leva!”; “Comprem!!!”; “Viva o

Capitalismo!"; e "Só para complementar a renda". Há também uma lista de prováveis marcas e produtos que estão à venda, *emojis* que aludem ao dinheiro e um contato telefônico.

Diante da descrição dessa cena, cabe o seguinte questionamento: que estudante sonhará em seguir a carreira docente ao presenciar cenas como a retratada nesse vídeo? Todos os elementos presentes nessa cena apontam para a precarização do trabalho docente e reforçam estereótipos que influenciam negativamente o imaginário das pessoas sobre o que significa ser professor(a) da educação básica no Brasil: entre outras coisas, ter que fazer *bicos* para sobreviver. Mais uma vez, uma professora mulher, agora também vendedora e sacoleira, protagoniza a cena.

O professor preguiçoso

O *professor preguiçoso* é retratado como um homem jovem, que aparentemente não se identifica com a profissão, pois não sabe lidar com o público infantil e/ou adolescentes, valendo-se de filmes para preencher o seu tempo de aula. Esse é único tipo que alude ao gênero masculino no vídeo.

O professor em questão leciona matemática e não se importa muito em saber se a turma está aprendendo a matéria. Na aula ele emprega filmes comerciais cujos títulos aludem a números, conforme informações escritas na lousa: "¼ do pânico", "sexta-feira 13", "velozes e furiosos 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7", entre outros. Após assistirem aos filmes, o professor pede à turma que faça o relatório a respeito dos filmes assistidos (Tipos [...], 2018).

Todos os aspectos da única cena em que aparece um professor – e não uma professora – sugerem uma discrepância em relação às suas posturas no ambiente da sala de aula. Nas cenas protagonizadas por professoras são evidenciadas situações que demonstram descontrole, instabilidade emocional, fragilidade – ou que as vinculam, unicamente, ao papel de cuidadora. No que diz respeito ao professor representado na cena que discutimos agora, ainda que este não tenha uma *performance* pedagogicamente aceitável, ele é mostrado como uma pessoa serena e aparentemente segura, que fala sem interrupções por parte dos estudantes.

No que concerne à postura do professor, mais uma vez a cena contribui para a construção de estereótipos acerca da relevância do trabalho docente, ao mostrar um professor notoriamente sem compromisso com a aprendizagem de seus(as) estudantes e que faz mal uso

de um tipo de recurso didático – filmes – como forma de preencher o espaço das suas aulas. Trata-se de uma representação que influencia na subjetividade coletiva, distorcendo e obscurecendo o valor e a complexidade envolvidos na docência.

Colonialidade e construção de estereótipos: alguns apontamentos a partir da análise

A colonialidade refere-se a padrões de poder e dominação que persistem mesmo após o fim do colonialismo formal, naturalizando hierarquias territoriais, étnico-raciais, culturais e epistêmicas (Maldonado-Torres, 2020; Quijano, 2005). Seus desdobramentos estão em todas as esferas da sociedade, incluindo o humor.

Para Oliveira e Gonçalves (2022), no contexto educacional, a colonialidade articula-se por meio de três tipos de dominação: o colonialismo, o capitalismo e o patriarcado (Quadro 1). Tais formas de subalternização são evidenciadas nos diversos contextos por meio de desigualdades e injustiças sociais, cujas origens principais são as hierarquias sociais baseadas em gênero, raça e classe (Pinheiro, 2023).

Quadro 1 – Contexto educacional e traços de colonialidade oriundos do colonialismo, do capitalismo e do patriarcado

Tipo de dominação	Relação com a colonialidade
Colonialismo	Período histórico de expansão europeia, caracterizado pela dominação cultural e imposição de valores, com a consequente supressão de conhecimentos locais. Seus impactos ainda influenciam nos imaginários das pessoas sobre o saber, o poder e o ser, todos fundamentados na cultura do colonizador.
Capitalismo	Sistema econômico que está baseado na propriedade privada dos meios de produção e tem como principais objetivos o lucro e a acumulação de riquezas. Tem influência nas práticas educacionais, nas relações de trabalho, na exploração de recursos, entre outros. O poder está associado ao maior acúmulo de capital.
Patriarcado	Estrutura social com homens no poder nos vários âmbitos sociais, subalternizando e/ou inferiorizando o gênero feminino, de modo que este não tenha possibilidade de influenciar nas decisões e nos processos coletivos, ou o faça por meio de muitas lutas.

Fonte: elaborado pelos autores com base em Oliveira e Gonçalves (2022).

Essas formas de dominação influenciam pessoas, mobilizando discursos e ações que subalternizam e invisibilizam o(a) outro(a) mediante um engendramento complexo de colonialidade de ser, poder e saber (Pinheiro, 2023; Quijano, 2005). Nesse sentido, o conteúdo humorístico em questão parece cumprir esse papel, com suas cenas e linguagens que favorecem a formação de estereótipos sobre uma classe profissional específica, os(as) docentes. Além disso,

personagens mulheres representam seis dos sete *tipos de professores* propostos. Dessa maneira, a maioria dos estereótipos discutidos anteriormente se associam à figura feminina.

Historicamente, representações acerca do homem professor estão mais relacionadas à autoridade e ao conhecimento, com tendência natural para as ciências exatas, o raciocínio lógico, enquanto mulheres professoras são frequentemente associadas à realização de cuidados maternos (Barbosa, 2016; Gonçalves, 2011). Sendo assim, não é à toa que o único personagem do vídeo ligado às ciências exatas, no caso a matemática, seja representado por uma figura masculina. É nesse sentido que Hall (2016, p. 192) esclarece que “a estereotipagem tende a ocorrer onde existem enormes desigualdades de poder”, o que explica a existência e a persistência de tantos estereótipos acerca de situações que envolvem gênero, etnia e/ou classe social.

Nesse âmbito, Quijano (2005) e Maldonado-Torres (2020) argumentam que questões relacionadas ao gênero e à ideia de raça foram decisivas para naturalizar o masculino – o colonizador europeu branco – como exemplo de virtude para outros seres humanos. Essa lógica colonial de supervalorização do masculino em relação ao saber, ao poder e ao ser tem sido evidenciada em muitos âmbitos, principalmente no profissional.

Conteúdos com teor humorístico trazem mensagens carregadas de significado, que revelam relações de poder e desigualdades entre o gênero masculino e o feminino. Isso, em alguma medida, contribui para o desprestígio da profissão docente no âmbito da educação básica, principalmente na Educação Infantil (Ataíde; Nunes, 2016). São visões estereotipadas que reforçam imaginários acerca do que é considerado masculino e/ou feminino, impactando em diversos âmbitos sociais, inclusive na escolha de carreiras profissionais. Trata-se de construções coletivas que refletem valores, crenças e normas compartilhadas por uma sociedade (Hall, 2016; Jodelet, 1989). Nessa esteira, Ataíde e Nunes (2016, p. 169) esclarecem ainda que

[...] mulheres e homens têm passado por um processo de construção que impõe estereótipos e padrões de comportamento que são utilizados como justificativa para o exercício de determinadas profissões, como é o caso da docência, que reflete o ranço patriarcal capaz de definir atribuições femininas e masculinas na educação, cuja tendência é destinar aos homens os cargos de comando ou a docência em níveis de ensino mais elevados, e às mulheres, os níveis considerados mais elementares, como a educação infantil e o ensino fundamental.

No que tange às hierarquias de classe, compreendemos que estas derivam, entre outros fatores, da distribuição desigual de recursos econômicos. Pessoas de classes sociais mais baixas têm menos acesso a educação, saúde e emprego digno. Nesse espectro, a figura docente tem uma relevância social estratégica, considerando que a educação se configura como possibilidade de ascensão social de pessoas subalternizadas por sua condição socioeconômica (Freire, 2013). Desse modo, a atuação docente, em alguma medida, tem um caráter político pelo seu potencial de empoderar sujeitos que sofrem os impactos das desigualdades e injustiças sociais, seja de origem étnico-racial, seja de gênero e/ou de classe (Candau, 2008; Pinheiro, 2023). A personagem da professora engajada sugere esse caráter político da docência e a sua não neutralidade diante das opressões, ainda que exibida de modo caricato e dentro de um contexto marcado por perseguições e acusações direcionadas a docentes. Um exemplo disso é o Movimento Escola sem Partido, que ganhou visibilidade no cenário político nacional tendo como pauta uma suposta “doutrinação político-ideológica (ou doutrinação de esquerda) nas escolas” (Santos; Farias, 2022, p. 7).

É longo esse histórico de tensionamentos entre profissionais da educação e Estado, cujas políticas, em outros tempos, buscavam atender aos interesses educacionais dos colonizadores (detentores do poder econômico). Quando ocorre a universalização da escola, esta deixa de ser privilégio de uma minoria e passa a se configurar como um direito de todos(as) – brancos(as), pretos(as), indígenas, entre outros(as). Essa conquista de direitos vem se dando, historicamente, às custas de numerosas lutas que se materializam, muitas vezes, em políticas públicas que orientam as ações desenvolvidas nas instituições escolares. Todo esse movimento, somado a outros fatores, culmina neste clima de polarização política, fortemente evidenciado em discursos e ações que atacam e rotulam docentes como doutrinadores por serem suas ações educativas favoráveis ao rompimento de hierarquias sociais (Santos; Farias, 2022) fundamentadas na colonialidade.

Boa parte dos(as) docentes da educação básica enfrentam dificuldades financeiras que os(as) obrigam, muitas vezes, a encarar jornadas duplas e/ou triplas de trabalho. Ao mesmo tempo, estudantes das Licenciaturas, em termos socioeconômicos, compreendem perfis de baixa renda e são egressos de escola pública (Locatelli; Diniz-Pereira, 2019). Nesse sentido, é possível perceber o engendramento de relações de poder e desigualdades, evidenciadas por:

- Remuneração desproporcional ao trabalho, sugerindo desvalorização e exploração do trabalho docente. - Excesso de carga horária em virtude das baixas remunerações, acarretando o cumprimento de jornadas de trabalho dupla e/ou até tripla, o que pode levar à queda da qualidade de vida do/a profissional e afetar a qualidade do ensino. - Redução ou falta de autonomia. A atividade docente se vê controlada por agentes externos, de modo que a criatividade e as habilidades pedagógicas do/a docente são limitadas por regulamentos/burocracias excessivos. - Poucos ou falta de recursos. Em meio às muitas exigências e questões burocráticas, há professores/as que sequer dispõem de materiais adequados, tecnologia e apoio frente aos inúmeros desafios enfrentados cotidianamente. - Falta de reconhecimento profissional. Apesar de ser socialmente estratégica, a profissão de docente não tem a valorização merecida e/ou adequada, podendo causar desmotivação, abandono do ofício e/ou falta de dedicação ao trabalho (Frazão; Sá, 2023, p. 12).

Como percebemos, todo esse cenário de desvalorização e falta de reconhecimento tem servido de inspiração para a criação de conteúdos humorísticos – como esse analisado neste estudo – carregados de estereótipos acerca da profissão docente e da educação básica brasileira.

O que inferimos é que a lógica da colonialidade opera para anular não só o papel estratégico da educação e dos(as) docentes na luta contra as desigualdades sociais, mas também o empoderamento de indivíduos subalternizados por essa lógica que desumaniza e invisibiliza. O acesso à educação foi uma conquista histórica que desafiou hierarquias sociais, mas que enfrenta, atualmente, um clima de polarização que ameaça deslegitimar o potencial emancipador da educação e daqueles que têm a missão de promovê-la nos ambientes institucionais – os(as) professores(as).

Diante desse quadro se faz necessário promover reflexões críticas acerca desses conteúdos, assim como ações educativas pautadas em pressupostos decoloniais que problematizem e desconstruam imaginários impregnados de estereótipos em relação a gênero, classe e outros marcadores sociais.

Algumas considerações

Neste artigo discutimos sobre estereótipos possivelmente disseminados em conteúdos humorísticos veiculados nas mídias sociais, neste caso, sobre professores(as) da educação básica.

Nossas análises se sustentaram na metodologia denominada Etnografia de Tela, que se mostrou potencialmente profícua nesse movimento de escolha, análise e identificação de padrões e significados relevantes no conteúdo audiovisual em foco.

Por meio de uma análise crítica dos estereótipos presentes no material analisado, discutimos traços da colonialidade que perpetuam desigualdades e injustiças sociais, afetando as relações sociais e profissionais dos(as) educadores(as) da educação básica em diversos contextos brasileiros. Apontamos que os estereótipos são reforçados em contextos de profundas desigualdades e relações de poder que subalternizam e invisibilizam o(a) outro(a) em função de aspectos étnico-raciais, de classe, de gênero, entre outros.

A partir da análise percebemos que o humor é explorado por meio de discursos que desvalorizam, e até ridicularizam, o trabalho docente na educação básica. Os desafios enfrentados por esses(as) profissionais, assim como aspectos da sua saúde física e mental, também têm servido de inspiração para a produção desses conteúdos. São inúmeros os estereótipos relacionados ao gênero feminino, evidenciados na análise das cenas: a professora tia, cuidadora, vocacionada, descontrolada, entre outros.

Entendemos que – ainda que não seja a intenção dos(as) produtores(as) desses conteúdos humorísticos ridicularizar ou reforçar determinados estereótipos acerca de professores e professoras da educação básica – tais conteúdos, inevitavelmente, contribuem para a consolidação e manutenção de imaginários que denotam desigualdades e relações de poder com marcas da colonialidade. Entre elas, destacamos: desvalorização da profissão; desmotivação pela carreira docente; e percepção pública inadequada sobre a educação e os(as) profissionais que nela atuam.

Por fim, o humor, da mesma forma que pode influenciar negativamente imaginários em relação a um grupo ou a uma classe, também pode ser um valioso instrumento empregado para questionar relações de poder, desigualdades e injustiças sociais e para desconstruir estereótipos. Nesse sentido, acreditamos haver formas de o humor ser empregado no sentido de criticar e problematizar padrões e ideias naturalizadas acerca da profissão docente e do papel da mulher nesse cenário tão complexo e desafiador.

Referências

- ATAÍDE, P. C.; NUNES, I. de M. L. Feminização da profissão docente: as representações das professoras sobre a relação entre ser mulher e ser professora do Ensino Fundamental. *Revista Educação e Emancipação*, São Luís, v. 9, n. 1, 167–188, 2016. DOI: <https://doi.org/10.18764/2358-4319.v9n1p167-188>
- BALESTRIN, P. A.; SOARES, R. “Etnografia de tela”: uma aposta metodológica. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (org.). *Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 87-110.
- BARBOSA, L. A. L. Masculinidades, feminilidades e educação matemática: análise de gênero sob ótica discursiva de docentes matemáticos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 697-712, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201609149400>
- BERK, L. S.; FELTEN, D. L.; TAN, S. A.; BITTMAN, B. B.; WESTENGARD, J. Modulation of neuroimmune parameters during the eustress of humor-associated mirthful laughter. *Alternative Therapies in Health and Medicine*, Washington, v. 7, n. 2, p. 62-72, 2001. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/11253418/>. Acesso em: 26 abr. 2024.
- BERNARDES, D. L. G. Dizer “não” aos estereótipos sociais: as ironias do controlo mental. *Análise Psicológica*, Lisboa, v. 21, n. 3, p. 307-321, 2003. DOI: <https://doi.org/10.14417/ap.13>
- BOBBIO, N. *Elogio da serenidade: e outros escritos morais*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- BRUSCHINI, M. C. A.; AMADO, T. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 64, p. 4-13, 1988. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0100-15741988000100001&script=sci_abstract. Acesso em: 21 abr. 2024.
- CANDAU, V. M. F. Educação em direitos humanos: questões pedagógicas. In: BITTAR, E. (org.). *Educação e metodologia para os direitos humanos*. São Paulo: Quartier Latin, 2008. p. 285-298.
- CAROSI, M.; SILVEIRA, R. M. H. Rindo de professores(as): um estudo do humor sobre a docência. *Revista de Iniciação Científica da ULBRA*, [S. l.], n. 3, p. 239-248, 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/ic/article/view/2027>. Acesso em: 1 dez. 2022.
- CHA, M. Y.; HONG, H. S. Effect and Path Analyses of Laughter Therapy on Serotonin, Depression and Quality of Life in Middle-aged Women. *Journal of Korean Academy of Nursing*, Seoul, v. 45, n. 2, p. 221-30, 2015. DOI: <https://doi.org/10.4040/jkan.2015.45.2.221>
- FRAZÃO, L. da S.; SÁ, L. P. Decolonialidade e desenvolvimento profissional docente: questões (im)pertinentes à educação científica. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 61, n. 69, e-32431, 2023. DOI: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2023v61n69ID32431>

FREIRE, P. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GONÇALVES, J. P. Representações sociais de homens professores sobre o trabalho educativo desenvolvido com crianças. *Teoria e Prática da Educação*, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 45-52, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/10155>. Acesso em: 10 jan. 2023.

HALL, S. *Cultura e representação*. Tradução de Daniel Miranda e Willian Oliveira. Organização e Revisão Técnica de Arthur Ituassu. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

INOCÊNCIO, A. F.; CARVALHO, F. A.; PEREIRA, T. T. A invenção discursiva da mulher histórica: uma imersão no filme *Augustine*. *Revista Periódicus*, [S. l.], v. 1, n. 5, p. 321-334, 2016. DOI: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i5.17194>

JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. (ed.) *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989. p. 31-61.

KUHLMANN JÚNIOR, M. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LIMA, C. F.; REIMBERG, C. O.; SILVA, J. P. da; LORENZI, R. L. (org.). *Seminários - Trabalho e saúde dos professores: precarização, adoecimento e caminhos para a mudança*. São Paulo: Fundacentro, 2023. Ebook. 304 p. Disponível em: http://arquivosbiblioteca.fundacentro.gov.br/exlibris/aleph/a23_1/apache_media/HNR4SCAXA4Q6G9GXGF8T9NVHSVT234.pdf. Acesso em: 26 abr. 2024.

LIMA, L. A.; SILVA, D. A.; CIRÍACO, K. T. “Um meme vale mais que mil palavras”: representações sociais configuradas sobre a docência e o professor na internet. *Revista Triângulo*, Uberaba, v. 13, n. 3, p. 3-23, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18554/rt.v13i3.4839>

LOCATELLI, C.; DINIZ-PEREIRA, J. E. Quem são os atuais estudantes das licenciaturas no Brasil? Perfil socioeconômico e relação com o magistério. *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 26, n. 3, p. 225-243, 2019. DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229.v26n3p225-243>

MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 27-53.

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OLIVEIRA, H.; GONÇALVES, E. Colonialidade do poder, educação e movimentos sociais na América Latina: novos caminhos a partir de ocupações secundaristas. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 53, n. 3, p. 337-379, 2022. DOI: <https://doi.org/10.36517/rcs.53.3.a04>

PANIAGO, R. N. Desencanto pela docência no Brasil: desafio à formação inicial de professores. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, São Cristóvão, v. 16, n. 35, p. 1-17, 2023. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v16i35.18612>

PAVAN, R. Representações identitárias na cultura midiática - o lugar do estereótipo na produção humorística. *Interações*, Campo Grande, v. 21, n. 4, p. 753-764, 2020. DOI: <https://doi.org/10.20435/inter.v21i4.2777>

PHILIPSEN, N. I.; FARIAS, A. B. Mídia, humor e preconceito: programa humorístico Zorra Total como alimentador de preconceitos. *Revista de Letras Norte@mentos*, [S. l.], v. 9, n. 20, 2016. DOI: <https://doi.org/10.30681/rln.v9i20.7199>

PINHEIRO, B. C. S. *Como ser um educador antirracista*. São Paulo: Planeta, 2023.

QUIJANO, A. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. In: LANDER, E. (org.). *Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 117-142.

RIAL, C. Antropologia e mídia: breve panorama das teorias de comunicação. *Antropologia em primeira mão*, Florianópolis, v. 9, n. 74, p. 4-67, 2004. Disponível em: <https://apm.ufsc.br/titulos-publicados/2004-2/>. Acesso em: 26 abr. 2024.

SANTOS, B. M. S.; FARIAS, W. S. Quem tem medo do professor? O discurso de ódio endereçado a professores no espaço virtual. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 52, p. e09348, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053149348>

SILVA, J. M. S. Ser tia ou professora? Profissionalidade na Educação Infantil, um olhar sobre as representações de professores do segmento. *Revista de Iniciação à Docência*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 549-564, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22481/riduesb.v6i2.9108>

SILVA, P. C. D. O uso da figura do estereótipo nos programas de humor na televisão brasileira: uma análise linguístico-discursiva acerca dos efeitos de sentido humorístico em gêneros de humor. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 55-68, 2016. DOI: <https://doi.org/10.17648/rsd-v3i1.39>

TAGALIDOU, N.; LODERER, V.; DISTLBERGER, E.; LAIREITER, A.-R. Feasibility of a humor training to promote humor and decrease stress in a subclinical sample: A single-arm pilot study. *Frontiers in psychology*, [S. l.], n. 9, p. 1-10, 2018. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00577>

TIPOS de professor. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (5 min 50 s). Publicado pelo canal Diogo Almeida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GaSX832zYDw>. Acesso em: 21 abr. 2024.

TRAVAGLIA, L. C. O que é engraçado? - Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. *Revista Leitura*, [S. l.], v. 1, n. 5-6, p. 42-79, 2019. DOI: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.19895-6.42-79>

VIDEIRA, I.; MARTINS, R. Terapia do riso: benefícios no humor e na felicidade dos profissionais de saúde. *Gestão e Desenvolvimento*, Lisboa, n. 31, p. 103-121, 2023. DOI: <https://doi.org/10.34632/gestaoedesenvolvimento.2023.11845>

AGRADECIMENTOS

À Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar do Amazonas.

Submissão: 07.05.2024.

Aprovação: 21.10.2024.